



**XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA,
DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

Eixo 1 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

PRÁTICAS DE LEITURA NA SOCIEDADE DA PRESSA

Andréa Pereira dos Santos

Professora do curso de
Biblioteconomia da Universidade
Federal de Goiás.

E-mail: andreabiblio@gmail.com

RESUMO

As práticas de leitura na atualidade são diversas não só em tipos e modos, mas também em suportes. Lê-se em tablets, computadores, notebooks e dentro desses suportes lê-se livros, textos, sons, hiperlinks e tantas outras coisas. São leituras fragmentadas, característica forte da sociedade da pressa. Entretanto, além da pressa, esse mundo é carregado de imagens, informações, leituras. Em meio a esse turbilhão chamado de globalização, existe a juventude. Dessa forma, propõe-se a discutir a relação do jovem com a leitura na sociedade da pressa a partir de algumas entrevistas feitas no Colégio Estadual Genesco Ferreira Bretas na cidade de Goiânia. Trata-se de uma pesquisa publicada em 2014, que traz novas análises a partir do conceito de leitor ubíquo de Santaella (2013) e dos preconceitos de leitura de Abreu (2001). Conclui-se que apesar de não existirem no discurso, os jovens tem praticado diversas leituras, em especial na internet.

Palavras-chave: Leitura e Juventude. Leitura e Sociedade. Leitor

READING PRACTICES IN THE FAST SOCIETY

ABSTRACT

The current reading practices are diverse not only in types and modes, but also in supports. We can read on tablets, computers, notebooks and within these supports reads books, texts, sounds, hyperlinks and many other things. They are fragmented readings, strong characteristic of the fast society. However, in addition to haste, this world is loaded with images, information, readings. In the midst of this whirlwind called globalization, there is youth. Thus, it is proposed to discuss the relationship of the young person with the reading in the society of the hurry from some interviews done in the Genesco Ferreira Bretas State



XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

College in the city of Goiânia. It is a research published in 2014, which brings new analyzes from the concept of Santaella's ubiquitous reader (2013) and Abreu's (2001) reading prejudices. It is concluded that although they do not exist in the speech, the young people have practiced several readings, especially in the internet.

Key-Words: Reading and Youth. Reading and Society. Reader

1 INTRODUÇÃO

A leitura é, numa visão semiológica, um imperativo. Todos os sujeitos deste mundo, rodeado de coisas por todos os lados, compelidos a se defender dos diferentes impulsos provenientes de artefatos materiais e simbólicos da propaganda, da publicidade e do marketing; lançados em espaços cheios de sinais são sugeridos a interpretar, a cada minuto, um sem-fim de informações conforme havia ponderado Barthes (1987). Ler é, assim, um mecanismo da ação social.

Todavia, um paradoxo se coloca: quanto mais o sujeito contemporâneo se vê na obrigação de interpretar coisas e situações mais a pressa, como característica central deste tempo, impede que o faça com esmero e com profundidade. Ao vislumbrar este paradoxo, poder-se-ia perguntar: como formar o leitor na sociedade da pressa?

Dessa forma, propõe-se a discutir a relação do jovem com a leitura na sociedade da pressa a partir de algumas entrevistas feitas no Colégio Estadual Genesco Ferreira Bretas em Goiânia-Goiás.

2 MÉTODO DA PESQUISA

Para a efetivação deste trabalho, partindo dos pressupostos de que “a leitura do texto produz o texto da leitura” - e de que “todo dizer é um trânsito entre o simbólico e



XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

o político” – serão apreciados, por meio da metodologia História de Vida, textos que revelam a leitura de jovens alunos da periferia proletária de Goiânia, mais precisamente alunos adolescentes na faixa etária de 11 a 16 anos matriculados no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas em Goiás em 2010.

Pediu-se para que esses sujeitos escrevessem o modo como veem a sua vida a partir do seu lugar na escola. Os textos foram feitos com a sua inteira disposição e liberdade para que, posteriormente, pudéssemos avaliar a sua postura de leitor de si mesmo e do mundo radicados no ambiente escolar.

Para aprofundar a interpretação da leitura feita pelo jovem aluno apresentaremos motes que estão presentes na produção da subjetividade contemporânea. Serão apresentados também princípios sobre o mundo da juventude atual, seus impasses e suas possibilidades.

3 ESTIGMAS DA JUVENTUDE

Espelhada em espaços fluídicos, determinada pela aceleração do tempo, efetivada sob o suporte de meios que alteram o conteúdo da comunicação em forma de simultaneidade; exemplificada no financeirismo da bolsa de valores e gestada pelos sistemas abstratos e impessoais dos meios tecnocêntricos, essa sociedade transforma os atributos que produzem a subjetividade do sujeito – e lhes fazem perplexos. Geralmente, comandado pelo ritmo das metrópoles, obrigado a se inserir em padrões moduláveis e flexíveis do trabalho, entregue a imposição do mercado organizado em nível mundial, o sujeito é cada vez mais complexo como é o objeto de sua leitura: o mundo atual.

Em se tratando da juventude, sujeito que, pela etariedade e pelo grau de socialização em que se situa, necessita de formar gostos, hábitos, princípios e métodos de leitura, essa complexidade parece brutalizar mais os conflitos. Irrradiados pela



XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

cultura juvenil – ou pelo que se tem denominado juvenilização do mundo – o jovem é taxado de indisciplinado, ansioso, inconsistente. Apedrejado no campo das representações sofre impulsos de toda sorte. É chamado a consumir coisas e símbolos que são voláteis, assim como lhe é exigido para obter trabalho, emprego ou profissão, uma qualificação que seja capaz de enfrentar as tramas de um mundo globalizado.

Essas assertivas, por certo, declaram que há um novo sujeito com outro dispositivo perceptivo e mental. Da mesma maneira, que há outros tipos de objetos de leitura e outras situações em que ocorrem – e devem ocorrer. O sentido histórico do leitor e do mundo que se lhe apresenta à leitura é patente e seiva para dirimir os meios de refletir o assunto diante dos desafios contemporâneos.

Pode-se dizer que entre o sujeito que lê e o objeto que é lido há um atravessamento histórico-espacial. Se a essência da leitura é a produção de sentido conforme declara Orlandi (1988) a multiplicidade de objetos correspondem a variedade de sujeitos que lê, como há, também, uma multiplicidade de modos de leitura. Pode-se dizer que há leitores e leituras, interpretações e resultados – no plural.

Em se tratando de práticas de leitura atual, há de se ter em mente uma diversidade de fontes, formatos e suportes de leitura. O que impede, por exemplo, de considerar leitor somente aquele que lê livro conforme conceito de leitor apresentado pela pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” 2015. Esta afirmação, em relação à diversidade de práticas de leitura atual, já fora colocada por Chartier em 2012, em evento em Marília-São Paulo, quando da mesma pesquisa realizada em 2011 e publicada em 2012.

4 A LEITURA E O LEITOR: O ATRAVESSAMENTO DO MUNDO

A história da leitura é carregada de muitos desafios e até mesmo preconceitos e censuras. Uma das principais instituições promotoras desses elementos negativos às



**XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA,
DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

práticas de leitura foi a igreja. É um tanto contraditório, pois era, também, a instituição que mais guardava conhecimento e também produzia.

Para Chartier (1998, p. 79) a partir do século XVIII, a história das práticas de leitura tornou-se também da liberdade na leitura. Algumas imagens que representam o leitor o trazem de maneiras as mais diversas representado no ato de ler em movimento, andando, lendo na cama e não apenas em seus gabinetes num espaço retirado e privado, sentados e imóveis.

Com o redimensionamento das bibliotecas, ocasionado pelo aumento da produção bibliográfica, elas sofreram mudanças na organização dos assuntos e na elaboração dos catálogos. A divisão por assuntos já era comum em muitas unidades, o que facilitava a pesquisa e leitura de muitos frequentadores desses ambientes. As práticas de leitura foram se adaptando ao formato das bibliotecas.

Além disso, a transição entre a leitura em voz alta e a leitura silenciosa, permitiu maior liberdade ao leitor que, agora não estava mais submetido ao controle imposto pela igreja. Ler silenciosamente, permitia ao leitor, ler aquilo que realmente o interessava.

Já no Brasil, a história das práticas de leitura, apesar de iniciar logo após o aparecimento das primeiras escolas Jesuítas (LANZI, VIDOTTI, FERNEDA, 2013), não era uma atividade democrática a todos. Não por falta de interesse, pois muitos desafiavam as dificuldades e inacessibilidade e a partir do autodidatismo aprendiam a ler e escrever.

O movimento em prol da leitura como política pública, só se torna realidade com a criação do INL – Instituto Nacional do Livro em 1937. Mesmo assim, até sua extinção, passou por muitos altos e baixos e até hoje não há políticas que, realmente, promovam o acesso democrático à leitura.

Lajolo e Zilberman (2009) dão um panorama sobre a leitura no Brasil. Aqui ela é classificada pelas autoras como “periférica e dependente”. Isso se deve ao fato de o



**XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA,
DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

Brasil ter sido ocupado no século XVI, época marcada pelo mercantilismo, por isso sua busca em integrar-se no capitalismo, decorrente da revolução francesa, é constante, nunca acabada.

No que se refere ao leitor, Lajolo e Zilberman (2009) afirmam que o Brasil Colônia sofria com a falta de escolas, bibliotecas, livrarias e gráficas. Com isso, os poucos escritores sentiam-se privilegiados e, ao mesmo tempo, desanimados em função de não haver companhia intelectual.

Todo esse quadro estruturou o abismo, que permanece até os dias de hoje, entre a maioria da população e a cultura letrada. Tal distância explica porque o consumo e a produção literária permaneceram quase exclusivamente nos limites da elite brasileira.

Ao tentar conceituar leitura tem-se que no dicionário Aurélio, a palavra leitura (do latim medievo *lectura*) significa ato ou efeito de ler, mas também a arte de decifrar um texto segundo um critério. Esse critério está intimamente ligado à um arquivo carregada por cada sujeito. São leituras diversas as quais somadas a leitura atual, permitem uma nova interpretação.

Para Martins (1994), a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do sujeito. Desse modo, é possível ter uma postura crítica, apontar alternativas, perceber diferenças e semelhanças entre sociedades diversas, culturas variadas. A fantasia é estimulada e a percepção da realidade ativada. A leitura permite o transitar cultural entre sujeitos de diferentes lugares. É um instrumento capaz de garantir aos sujeitos o poder de mudar sua própria realidade.

Já o desejo de ler, nasce de uma relação corporal entre a leitura e o objeto / suporte que carrega os textos. “A visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referencias mais elementares do ato de ler” (MARTINS, 1994, p.40). Nesse sentido, o conceito de leitura abarca não só a percepção e o entendimento do texto lido, mas também, ao objeto de leitura e toda sua significação.



**XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOMIA,
DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

Entende-se leitura como processo de percepção e compreensão do mundo que cerca o sujeito. É ação de interpretar e resignificar o meio a sua volta. A leitura faz parte do cotidiano. Além disso, deve interferir e possibilitar novas formas de pensar. Uma leitura feita hoje, pode trazer sentidos que antes não se tinha. Sobretudo, ler é experimentar, vivenciar o mundo, se apropriando de conhecimentos internalizados no indivíduo para interagir nas diversas formas em que a leitura se apresenta;

Hoje em dia é importante estabelecer uma junção entre leitura do texto e leitura da imagem. Manguel (2009) relata como se dava a leitura de imagens; estas que eram e ainda são relevantes no texto, pois auxiliam o leitor na compreensão textual. Para aqueles que não têm o domínio da leitura do texto escrito, a imagem é ferramenta essencial para a compreensão leitora, pois se pode comparar a uma língua estrangeira, da qual não tenhamos nenhum conhecimento, se o texto possui gravuras em suas páginas, logo o leitor as interpretará, lerá.

Difícilmente alguém diria que a leitura não é importante, essencial e que o hábito de ler não deve ser cultivado para o progresso humano de qualquer sujeito. Ainda que a palavra leitura seja polissêmica como é o seu sentido, ler é um desses atributos que idealmente goza de um prestígio sem precedente. Mas a leitura, no processo operacional em que acontece ou na significação em que os diferentes sujeitos lhe atribui, não é homogênea. Cavalcanti (2000) explica que,

Pesquisas apontam que a leitura tem diferentes valores para as classes sociais : a classe dominante vê o ato de leitura como um processo de aprendizado e facilitador nas relações pessoais enquanto a pessoa pertence à classe dominada (grande parte da população) encara a leitura como uma condição imprescindível de sobrevivência e acesso ao mundo do trabalho . São valores e expectativas distintas em relação ao mesmo processo (CAVALCANTI, 2000 p. 2)

Além do componente classe social, outros aspectos são relevantes ao tratar os diferentes sentidos da leitura: normalmente filhos de pais leitores tornam-se leitores;



**XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA,
DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

houve casos, inclusive entre escritores renomados, que a timidez exagerada na fase infantil e adolescente ou o profundo sentimento de solidão acabaram por conduzir esses sujeitos ao nobre refúgio: o mundo dos livros. E daí, ao ler cumulativamente tornaram-se exímios escritores.

Outros fatores aparecem nos estudos de leitura, como o prazer, o tempo, o acesso a livros etc. Jouve (2002) ao defender a semiótica da leitura apresenta 5 (cinco) dimensões que perpassam o ato de ler e a sua transformação em processo: “processo neurofisiológico; processo cognitivo, processo afetivo; processo argumentativo e processo simbólico”.

Como se vê, ao pensar a leitura pela via da semiótica há a transformação de ato em processos. Todos os processos citados pelo pesquisador de leitura agem mais ou menos simultaneamente, o que a torna bastante complexa, pois envolve uma rede de causalidades e intersecções que estão presentes não apenas na ação do leitor com o texto, mas na história da formação do leitor. Rôsing; Bristott (2009, p. 5) esclarecem que,

Enquanto se tenta compreender melhor as intersecções que as dimensões de leitura possuem, explora – se a sua complexidade, na ânsia de reforçar o sentido dela, na dimensão subjetiva do sujeito. Pode-se dizer que se vai ‘aventurando’ por caminhos que se completam e se cruzam, formando uma rede de comunicação, de significação e de ressignificação. (RÔSING & BRISTOTT, 2009, p. 5)

O cruzamento e a intersecção de várias dimensões podem se resumir num aspecto mais geral: todo processo de leitura depende do modo como o sujeito se constitui. Mais que isso: o sujeito ao encontrar o texto que é mediação de outro sujeito, quem o escreveu, além do encontro com esse Outro, promove um encontro consigo mesmo. Grandó; Faimeti (2005, p. 2) explica que, “a capacidade de ler é essencial à realização pessoal , pois o sujeito – leitor interage com texto relacionando – se com o



XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

mesmo, tornando – se um sujeito conhecedor e crítico, propiciando a ampliação do seu universo cultural”.

Pelos motivos explicados anteriormente deve-se perguntar: quem é o atual leitor? Que conflitos possuem? Ou mais precisamente: quais são as bases constitutivas do jovem que se apresenta à leitura?

5 A LEITURA DA VIDA NA ESCOLA DA PERIFERIA

Santaella (2013, p. 29-32) ao ser indagada acerca dos leitores tem feito a classificação em três tipos: o contemplativo (que possui o hábito de leitura individual e silenciosa, mantendo relação íntima com o livro e contemplando a obra e o espaço destinado a leitura). Esse tipo de leitor, se assemelha às práticas de leitura intensiva, ou seja, leituras realizadas antes do século XVIII quando a quantidade de materiais eram poucas o que permitia uma leitura mais centrada e densa (DARTON, 1992).

Outro leitor definido por Santaella é o leitor movente (tipo de leitor que lê em movimento. Está nas ruas, nas praças, no ritmo frenético da cidade) e; o leitor imersivo (aquele que inaugura uma nova forma de ler. É um leitor conectado no mundo digital e interage com textos, imagens e sons. É livre para estabelecer sozinho a ordem informacional). Este está ligado à chamada prática de leitura extensiva. Na visão de Darton (1992) são as práticas de leitura posteriores ao século XVIII já que se percebe, pelo menos em terras europeias, um avanço da literatura de massa e de jornais.

Com o grande avanço da tecnologia dos últimos anos Santaella (2013, p. 35) denomina outro tipo de leitor: o ubíquo, sendo que: Ao mesmo tempo em que está corporalmente presente, perambulando e circulando pelos ambientes físicos – casa, trabalho, ruas, parques, avenidas, estradas – lendo os sinais e signos que esses ambientes emitem sem interrupção, esse leitor movente, sem necessidade de mudar de marcha ou de lugar, é também um leitor imersivo. Ao leve toque do seu dedo no celular,



XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

em quaisquer circunstâncias, ele pode penetrar no ciberespaço informacional, assim como pode conversar silenciosamente com alguém ou com um grupo de pessoas a vinte centímetros ou há continentes de distância.

Esse é o leitor atual; lê em diversos suportes; e consegue fazer muitas coisas ao mesmo tempo: lê, ouve música, conversa com pessoas em algum chat etc. Os jovens possui o maior número de características desse leitor ubíquo.

A partir do grupo de estudo “Espaço, Sujeito e Existência” várias pesquisas e estudos foram feitos. Muitos desses estudos e das pesquisas tiveram apoio em trabalhos de componentes que participam direta ou indiretamente do grupo. Para efeito desse trabalho foram selecionados 5 (cinco) textos de jovens de 11 a 17 anos da região noroeste de Goiânia, conhecida como um território de população com baixa renda.

O resultado do trabalho foi utilizado na disciplina Demografia, inserida no curso de Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Parte dos estudos serviu para que fizesse um evento de formação de leitores juntamente com profissionais do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, em que se promoveu, até o presente momento, 8 (oito) eventos mirando questões de leitura. Essa pesquisa foi publicada em 2014 por Chaveiro e Santos (2014).

Entretanto, anos depois dessa pesquisa, a intenção foi de tentar perceber a característica do leitor ubíquo nos jovens pesquisados naquela ocasião.

A partir dos relatos de história de vida dos alunos do Colégio Genesco Ferreira Bretas, podemos perceber que a leitura (pelo menos a ideia que eles tem de leitura) não está incluída na história de vida deles. Entretanto devemos analisar a questão “leitura” por vários focos.

A primeira questão é a leitura praticada na escola ou para a escola. Na história de vida não ficou claro qual é a relação das atividades extraclasse com o dia a dia dos alunos. Eles focaram muito em atividades que eles fazem quando não estão na escola e em nenhuma dessas atividades falaram sobre as atividades extraclasse. Eles focam sua



**XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOMIA,
DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

participação da escola nas relações de amizade que possuem. Essas relações de amizade são, desde então, estabelecidas via mídias sociais. Característica do leitor ubíquo.

Seria preciso ir mais a fundo na tentativa de tentar perceber qual é a relação dos alunos com as leituras extraclasse. O “não falar” da leitura nos relatos acima não quer dizer que há uma total falta dessa atividade na vida deles. Talvez a leitura que eles pratiquem não é a mesma leitura requerida pela escola, como atividade escolar.

O “mexer no computador” é leitura. A partir do momento em que eles atualizam e leem os perfis deles próprios e dos outros, consultam a Internet para alguma curiosidade, conversam com os outros pelos *chats* e navegam por outros caminhos, eles estão de fato lendo. Talvez não aquilo que a escola impõe como leitura, mas aquela leitura que os agrada. Nesse ponto, há um misto da leitura movente e do leitor ubíquo, já que essas leituras estão presentes no ato de mover de cada um deles e também nas leituras que fazem na rede. Nem todos, por falta de condições, podem ser totalmente leitores ubíquos.

Por serem estudantes financeiramente desfavorecidos, percebemos que o acesso à leitura e até mesmo à bibliotecas fica comprometido. Para se ter uma ideia, Goiânia possui apenas 3 bibliotecas públicas para atender a uma população de um milhão e meio de pessoas. Além disso, as bibliotecas escolares também não são realidade conforme pesquisa em andamento realizada pelo curso de biblioteconomia da UFG¹.

Ser cidadão de baixa renda, compromete também a aquisição de livros, pois conforme a Pesquisa Retratos de Leitura no Brasil de 2016², quanto mais poder aquisitivo maior o número de pessoas consideradas leitoras³.

¹ Pesquisa em andamento. Nos resultados dessa pesquisa, os dados mostram que quase 80% das escolas tem bibliotecas, porém 90% não possuem estrutura física, em termos de m², condizente com os parâmetros propostos para essas instituições.

² Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/confirme>

³ Para Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é leitor aquele que leu um livro ou parte de um livros nos últimos 3 meses.



XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

Além disso, segundo Abreu (2001), a leitura no Brasil já surge com diversos preconceitos por certos gêneros literários como o romance, a novela e as demais histórias de ficção que não eram valorizados pelos letrados e eruditos da época, que consideravam só os clássicos da antiguidade como leitura válida. Pelo que podemos entender dos estudos de Abreu, o mesmo acontece nos dias de hoje.

O preconceito de alguns gêneros literários se arrasta até os dias de hoje. A esse respeito Abreu (2001) relata que as atividades escolares canonizam certas leituras como ideais e não consideram as outras leituras praticadas pelos alunos, como por exemplo, as leituras que fazem dos blogs, sites de relacionamento e até mesmo os *youtubers* as quais foram citadas por esses estudantes.

Para Abreu (2001) os livros populares, a leitura de massa não é bem vista pela escola. Bons são os de difícil entendimento, os canonizados. Esse receio por parte dos educadores perdura até os dias atuais dificultando a circulação das ideias e o aprendizado dos alunos que começam a pensar que não são leitores, por que não lêem os livros devidos. A leitura dos brasileiros é diversificada em relação aos conteúdos e ao suporte. De acordo com Abreu, “talvez tivéssemos muito a ganhar se considerássemos que leituras são diferentes e não piores ou melhores; se entendêssemos que diferença não precisa ser sinônimo de desigualdade” (2001, p.156).

A partir dessas reflexões, seria interessante aprofundar melhor na problematização das práticas de leitura da juventude hoje em dia e não apenas considerar que essa juventude é uma geração de não leitores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÕES

Como já disse Paulo Freire, a leitura de mundo antecede a leitura do escrito. Assim sendo é importante considerar que antes mesmo da alfabetização o sujeito já



XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

praticava sua leitura de mundo. Essa leitura de mundo, nada mais é a história cultural de cada um do nascimento até sua morte.

É fato que a lição vista em casa contribui para formação do sujeito desde sua intelectualidade até seu caráter. Entretanto, a vida muda. As tecnologias mudam e mudam também certos pontos de vista. Com relação as tecnologias, percebemos que elas tem mudado com uma velocidade cada vez maior e atraído bastante os jovens.

Essa atração dos jovens pelas tecnologias, em especial a Internet, tem confundido os pais e educadores e deixando-os desconfiados. Foi o mesmo que aconteceu quando a leitura deixou de ser feita em voz alta e passou a ser silenciosa. Os padres naquela época ficaram bastante desconfiados (MANGUEL, 1997).

Não é de se espantar que essas novas práticas de leitura, em rede, cria o novo tipo de leitor demonstrado por Santaella (2013) que é o leitor ubíquo. Apesar da fragmentalidade da leitura, essa é praticada por um número maior dos jovens por conta do acesso às mídias sociais.

Da mesma forma como no passado com a passagem da leitura oralizada para a silenciosa, percebeu-se uma “liberdade” maior do leitor, podendo agora, longe dos ouvidos de quem controlava as leituras, ler o que quiser.

O mesmo acontece com a Internet. Lá pode-se navegar por diferentes mundos e passar por diferentes caminhos, diferentes leituras. Por fim, precisamos estudar melhor e compreender as “novas leituras” e essas leituras dentro do espaço de pertencimento do jovem.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Diferenças e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Belo Horizonte, MG: Ceale, 2001, p.139-157.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1987.



**XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA,
DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

CAVALCANTI, Mônica Lima. Leitura, prazer e a formação do sujeito leitor na realidade escolar brasileira. In: V EPEAL: PESQUISA EM EDUCAÇÃO: DESENVOLVIMENTO, ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL. **Anais....** ISSN: 19813031. Alagoas, 2010.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1998. 159 p.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução [de] Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003. 395 p.

DARTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009. 374 p.

LANZI, Lucirene Andréa Catini; VIDOTTI, Silvana A. B. Gregório; FERNEDA, Edberto. **A biblioteca escolar a geração de nativos digitais: construindo novas relações**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

MACHADO, Leila Domingues. **Psicologia: questões contemporâneas**, Vitória, 1999. Disponível em
<<http://www.ufes.br/ppgpsi/files/livros/Subjetividades%20contempor%C3%A2neas.pdf>>.
Acesso em outubro de 2012.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 94 p. (Coleção Primeiros Passos; 74).

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Ed. Cortez, 1988.

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização** (1997). In: Revista eletrônica do Núcleo de Estudos da Subjetividade – pós-graduação em psicologia clínica da PUC-SP. Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

RÔSING, T. M. K.; BRISTOTT, M. I. Reflexões sobre leitura, literatura e constituição do sujeito (leitor): as dimensões da leitura e a constituição do sujeito (leitor). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. **Anais.....** Porto Alegre: PUCRS, 2009.



**XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOMIA,
DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

TEMA CENTRAL: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas:
como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030

SANTORI, Andreia et al. Leitura processo de aprendizagem. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, n. 02, jan./jul, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. O leitor ubíquo. In: _____. Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. Cap. 13. p. 265-284.

TAKEUTI, N. **Subjetividades e vínculos sociais**. In: SOUZA, I.M. Café Filosófico: filosofia, cultura, e subjetividade. Natal: EDUFRN, 2004.